

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO
DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Luciana Pinto

**Tio Hugo, RS, Brasil
2011**

O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

por

Luciana Pinto

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

**Tio Hugo, RS, Brasil
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO
DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

elaborada por
Luciana Pinto

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Alexandra Silva dos Santos Furquim, Ms. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Clarice Zientarski, Ms. (UFSM)

Izabel Cristina Uaska Hepp, Ms. (UFSM)

Tio Hugo, 16 de setembro de 2011.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

AUTORA: LUCIANA PINTO

ORIENTADORA: PROF^a. Ms. ALEXANDRA SILVA DOS SANTOS FURQUIM

Data e Local da Defesa: Tio Hugo/RS, 16 de setembro de 2011.

A gestão escolar possui papel fundamental em orientar seus docentes quanto a importância de desenvolver com seus alunos uma avaliação concisa e bem evidenciada do processo de ensino-aprendizagem. Ela, por sua vez, tem papel fundamental na inserção dos alunos no meio social, sempre tendo em vista a participação da família neste importante processo. A presente pesquisa foi realizada com o objetivo de visualizar como se estabelece e tem sido realizada a avaliação dos alunos em escolas de educação infantil. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, sendo que essa foi desenvolvida com seis gestores, sendo dois coordenadores pedagógicos e quatro professores. Analisando os dados pesquisados, nota-se que as escolas avaliam os alunos de maneira individual, utilizando-se de diferentes formas de registros sobre ela, como suas expressões, falas, fotografias e descrições de cenas de seu cotidiano, visando uma avaliação ponderada e coerente para cada criança.

Palavras-chave: Gestão escolar. Avaliação. Educação.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

THE ROLE OF SCHOOL MANAGEMENT IN EVALUATING THE TEACHING-LEARNING PROCESS

AUTHOR: LUCIANA PINTO

ADVISER: PROFa. Ms. ALEXANDRA SILVA DOS SANTOS FURQUIM

Data e Local da Defesa: Tio Hugo/RS, 16 de setembro de 2011.

The school management has key role in guiding their teachers about the importance of developing students with a concise evaluation, and clearly demonstrated the process of teaching and learning. She, in turn, plays a key role in placement in the social environment, keeping in view the family's participation in this important process. This research was conducted in order to see how it sets the assessment of students in preschools, as well as performed by its faculty and administrators. The research has a qualitative approach, characterized as a case study. Was used as an instrument for collecting data to semi-structured interview, and this was developed with six professionals, two teachers and four teacher trainers. Analyzing the data surveyed, it was noted that schools assess students individually, using different forms of records about it, as their expressions, statements, photographs and descriptions of scenes of everyday life, seeking a thorough evaluation and consistent for each child.

Keywords: School management. Evaluation. Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNC – Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo

MEC – Ministério da Educação

MIEIBI – Movimento Brasileiro de Interfóruns de Educação Infantil

PCG – Programa de Comprometimento com a Gratuidade

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO 1 | 12 |
| 1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A AVALIAÇÃO: A DOCÊNCIA X A GESTÃO ESCOLAR | 12 |
| 1.1 A avaliação e suas atuações no contexto escolar e social..... | 15 |
| 1.2 A avaliação educativa: construindo um novo olhar..... | 18 |
| 1.3 As críticas e as reflexões sobre a prática docente..... | 20 |
| 1.4 A gestão escolar: caminhando junto com a docência | 23 |
| 1.5 A avaliação da criança na educação infantil..... | 26 |
| CAPÍTULO 2 | 30 |
| 2 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO PROCESSO AVALIATIVO: UM ESTUDO EM DUAS REALIDADES DISTINTAS | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| APÊNDICES | 41 |
| Apêndice A – Carta de apresentação | 42 |
| Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido..... | 43 |
| Apêndice C – Termo de confidencialidade..... | 45 |
| Apêndice D – Questionário respondido pelos coordenadores pedagógicos | 46 |
| Apêndice E – Questionário respondido pelos professores..... | 50 |

INTRODUÇÃO

Avaliar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos é um fator de suma importância no cotidiano escolar. Por isso, constitui-se em um tema que causa ansiedade, dúvidas e por vezes conflitos em seu contexto, envolvendo alunos, professores e a equipe gestora, que também fazem parte desta caminhada do ensino e da aprendizagem nas escolas.

Compreende-se a importância do processo avaliativo, o qual deve ser configurado sempre que necessário à realidade vivenciada, pois cada meio também possui seus critérios particulares neste processo. Sabe-se que diversos fatores influenciam no ensino, na aprendizagem e na avaliação dos alunos, sendo que cada meio sofre diversas influências, adquiridas através de cada contexto que se está inserido.

Cabe ao profissional da educação estar ciente que o processo avaliativo deve contribuir para a formação e crescimento do sujeito, elencando aspectos que o levem a um desenvolvimento amplo e de qualidade, sem que a classificação seja o suporte primordial da situação.

É necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os erros e os culpados, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o trabalho. Nesse sentido, todos são objetos e sujeitos de avaliação: professores, equipe gestora, alunos e pais.

Tendo em vista as diferentes formas dos processos avaliativos nas escolas e que a educação infantil é a primeira etapa de escolarização da educação básica, em que há a inserção das crianças ao meio social e das descobertas, como se estabelece a avaliação das crianças levando em consideração suas individualidades, dificuldades e sucessos? Quais os principais meios de avaliação usados e onde são fundamentados?

O interesse pelo tema abordado neste trabalho partiu de uma inquietação pessoal, pois a autora atua como professora na educação infantil há dez anos e já presenciou diferentes meios de avaliação e interferências dos gestores escolares, onde cada um acredita em uma proposta ou teoria.

Acredita-se que a forma de avaliar as crianças é um momento de extrema importância para os professores e principalmente para “os pequenos” que estão sendo inseridos no contexto escolar.

Sendo assim, buscou-se conhecer como se estabelece e se realiza o processo avaliativo no contexto da gestão escolar de escolas de educação infantil em Carazinho/RS.

Este trabalho teve como objetivos específicos (a) identificar os métodos de avaliação usados por cada instituição de ensino participante do estudo, (b) conhecer como a proposta avaliativa consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas pesquisadas e como isso é colocado em prática e (c) estabelecer relações com os métodos usados e a realidade do contexto escolar em questão.

A metodologia utilizada para a elaboração da pesquisa foi embasada em uma abordagem qualitativa para que se pudesse analisar, avaliar e refletir sobre o processo avaliativo no contexto escolar. Conforme Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa envolve a coleta de dados descritivos, obtidos através de contato direto do pesquisador com a fonte ou situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa foi desenvolvida através de um estudo de caso de duas realidades distintas, para posterior paralelo das informações com suas devidas reflexões e discussões.

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que apresenta diferentes abordagens e aplicações. É importante como instrumento de pesquisa, apresentando suas origens, significados e seu delineamento como metodologia de investigação. Sua aplicação indica as vantagens e as limitações mais comuns encontradas e destaca o papel relevante do investigador que deverá ter cuidado em não generalizar e buscar sempre o rigor científico em seus resultados (MAZZOTTI, 2006).

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram a equipe gestora e professores de duas escolas particulares localizadas em Carazinho/RS: a Escola de Educação Infantil Pequenos Brilhantes, em que participou da pesquisa a Coordenadora Pedagógica, tendo como nome fictício *Maria* e dois professores com os respectivos

nomes *Queila* e *Maiara* e a Escola Cantinho do Saber¹, em que participaram a Coordenadora Pedagógica usando o nome fictício *Dália* e dois professores com os nomes *Margarida* e *Rosa*. Desse modo, participaram do estudo seis gestores escolares.

A primeira instituição caracteriza-se como uma escola para crianças da educação infantil de baixa renda, na sua maioria, crianças filhos de comerciários que ingressam na entidade através de um programa de gratuidade chamado Programa de Comprometimento com a Gratuidade (PCG), que é resultado de um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que amplia a oferta de vagas gratuitas nos cursos técnicos para formação básica e continuada oferecidos pelas entidades e destinados a alunos e trabalhadores de baixa renda. A segunda instituição é uma escola particular com alunos de diversas realidades sociais e atende crianças de até três anos de idade.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, entendida como um recurso utilizado para dialogar com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Os dados foram analisados a partir das entrevistas realizadas com os profissionais de cada escola, conhecendo como acontece o processo de avaliação do processo de ensino-aprendizagem e qual o papel que a gestão desempenha junto aos seus alunos e professores.

Segundo Trivinõs (1987, p.146), a entrevista semi-estruturada é aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados por teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo através das respostas obtidas.

Os dados recolhidos nesta pesquisa foram analisados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), pois possibilita diagnosticar os dados obtidos com questionamentos realizados de forma aberta aos envolvidos no trabalho, é uma forma em que se pode analisar dados qualitativos e quantitativos de forma contextualizada. Assim, o sujeito entrevistado possui participação efetiva na elaboração do conteúdo da pesquisa que está sendo realizada.

O estudo foi organizado em dois capítulos. O capítulo O processo de intitula-se “O processo de ensino-aprendizagem e a avaliação: a docência x a gestão

¹ Por questões éticas de pesquisa, o nome das escolas participantes do estudo são fictícios.

escolar”, que retrata possibilidades de como acontece o processo de ensino-aprendizagem das crianças e como deve ser estabelecida uma avaliação para tais sucessos ou desafios, bem como o papel dos docentes e da equipe gestora neste foco educativo, e o capítulo 2 denominado “O papel da gestão no processo avaliativo: um estudo em duas realidades distintas” apresenta a análise dos dados coletados bem como as reflexões acerca destes, evidenciando o papel da gestão escolar no auxílio do processo de avaliação dos alunos. Por fim, apresentam-se as considerações finais do estudo.

CAPÍTULO 1

1 O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A AVALIAÇÃO: A DOCÊNCIA X A GESTÃO ESCOLAR

Dentro de uma concepção dinâmica e histórica do conhecimento, a avaliação é um dos meios para garantir o processo de ensino-aprendizagem. Tem, portanto, uma dimensão diagnóstica, investigativa e processual. É dentro desse conceito que o PPP das escolas definem as concepções e procedimentos gerais de avaliação considerados coerentes com as finalidades e pressupostos de ensino e aprendizagem.

As investigações de Hoffmann (1998) sobre avaliação sugerem fortemente que a contribuição entre o discurso e a prática de alguns educadores, principalmente – a ação classificatória e autoria – exercida pela maioria, encontra explicação na concepção de avaliação do educador(a), reflexo de sua história de vida como aluno(a) e professor(a).

O processo avaliativo é considerado como elemento favorecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno. É assumida como parte integrante e instrumento do processo de ensino e aprendizagem, para que os objetivos propostos sejam atingidos. A avaliação diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao próprio sistema escolar.

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu papel na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais precisam maior apoio.

Tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões requer que esta ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como é o habitual. Isso possibilita ajustes constantes, num mecanismo de regulação do

processo de ensino e aprendizagem, que contribui efetivamente para que a tarefa educativa tenha sucesso.

É nesse sentido que Hoffman (2000) propõe a avaliação enquanto relação dialógica na construção do conhecimento, privilegiando a feição de mediação sobre a de informação na avaliação do aluno e buscando a compreensão da prática avaliativa dos professores, cujo princípio essencial está em conceber o conhecimento como apropriação do saber pelo aluno e também pelo professor, como ação-reflexão-ação que se passa na sala de aula em direção a um saber aprimorado, enriquecido, carregado de significados, de compreensão.

Dessa forma, a avaliação passa a exigir do professor uma relação epistemológica com o aluno – uma conexão entendida como reflexão aprofundada a respeito das formas como ocorre a compreensão do educando sobre o objeto do conhecimento e suas conquistas.

Sendo a construção crítica do conhecimento umas das principais maneiras de inserção do ser humano na sociedade, através de uma postura autônoma e responsável, a avaliação da aprendizagem tem um importante papel que não pode ser ignorado pela escola.

A avaliação é reconhecida atualmente como um dos pontos privilegiados para estudar o processo de ensino-aprendizagem. Abordar o problema da avaliação supõe necessariamente questionar todos os problemas fundamentais da pedagogia. Quanto mais se penetra no domínio da avaliação, mais consciência se adquire do caráter enciclopédico de nossa ignorância e mais se põe em questão nossas certezas, ou seja, cada interrogação colocada leva a outras. Cada árvore enlaça com outra e a floresta aparece como imensa. (CARDINET, apud SACRISTÁN, 1998, p. 295)

Para Sacristán (1998), o conceito de avaliação tem uma ampla variável de significados. Avaliar se refere a qualquer processo por meio do qual alguma ou várias características de um aluno, de um grupo de estudantes, de um ambiente educativo, de objetos educativos, de materiais, professores, programas, recebem a atenção de quem avalia, analisam-se e valorizam-se suas características e condições em função de alguns critérios ou pontos de referência para emitir um julgamento que seja relevante para a educação.

Hoffmann (2000) aponta que as legislações vigentes municipais, estaduais e federais destacam a importância do processo avaliativo na educação e que a avaliação mediadora deve ser contínua, formativa e personalizada.

A avaliação está presente nos processos de ensino e aprendizagem, o qual nos permite confrontar propostas educativas, sua visibilidade e construção na prática e no futuro associadas à construção de conhecimentos pelos alunos.

As formas de conceber e praticar a avaliação tem a ver com a evolução das funções que a instituição educativa cumpre na sociedade e no mercado de trabalho; as posições que se adotem sobre a validade do conhecimento que se transmite, as concepções que se tenha da natureza dos alunos e da aprendizagem; a estruturação do sistema escolar, já que serve à sua organização; a despersonalização da relação pedagógica provocada pela massificação, que leva a uma perda de conhecimento direto entre professores e alunos; a forma de entender a autoridade e a manutenção da disciplina e evolução dos alunos nas escolas e nas aulas.

No pensamento e nas práticas de avaliação que ocorrem dentro do sistema educativo se misturam as diferentes missões e concepções de que foi objeto, de acordo com a evolução das instituições educativas. Hoje, tem-se a avaliação desde uma perspectiva compreensiva, cujos objetos são muito variados, com as mais diversas metodologias ou técnicas de realizá-la e a serviço de um conhecimento melhor da realidade e do progresso dos alunos em particular. Mas na prática, nas aulas, a avaliação, na maioria das vezes, evidencia sua servidão a serviço de outras políticas e de outras ideias: seleção, hierarquização, controle de conduta, entre outras.

Segundo Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem constitui um sério problema educacional há muito tempo. A partir da década de 60 ganhou ênfase em função do avanço da reflexão crítica que apontou os enormes estragos da prática classificatória e excludente, os elevadíssimos índices de reprovação e evasão, aliados a um baixíssimo nível de qualidade da educação escolar, tanto em termos de apropriação do conhecimento quanto de formação de uma cidadania ativa e crítica.

Sabe-se que muita coisa mudou desde então. A avaliação não é somente concebida como mera forma de classificar, mapear os erros e acertos, estabelecer uma nota pela aprendizagem, mas sim como uma forma onde todos os envolvidos possam estabelecer formas de melhorias conjuntas para a aprendizagem, onde

possa ocorrer uma aprendizagem contínua e uma troca de saberes sem rotular ou impedir o progressivo crescimento da aprendizagem.

Ao avaliar, o professor utiliza-se de suas concepções, seus valores, expectativas e também das determinações do contexto. No momento em que avalia, o professor, muitas vezes, não possui clareza epistemológica ou paradigmática de seus atos, e não sabe explicar como avalia e como construiu seu processo avaliativo (SACRISTÀN, 1995).

Através dessas afirmativas é importante salientar que avaliar significa relacionar o conhecimento trazido pelos alunos com suas construções futuras. A proposta educativa do docente, suas ações e suas posições teóricas e metodológicas também são avaliadas.

Os instrumentos utilizados nesse processo avaliativo são todos os documentos que de alguma forma avaliou o conhecimento do aluno: testes, provas, trabalhos, boletins, pareceres, tarefas, enfim, todas as atividades avaliativas.

Mais recentemente, a avaliação está também em pauta como decorrência das várias iniciativas tomadas por mantenedoras, públicas ou privadas, no sentido de reverter o quadro de fracasso escolar existente ainda em muitos espaços e contextos escolares.

1.1 A avaliação e sua atuação no contexto escolar e social

Conforme Hoffmann (2001, p. 178), “as metodologias se definem pelas intenções e formas de agir do professor ao avaliar. Referem-se tanto às observações quanto às intenções do professor frente às necessidades e interesses observados em seus alunos”.

Um dos instrumentos do processo avaliativo é o parecer descritivo. Sendo assim, a avaliação é realizada a partir da observação da criança, abrangendo o registro da evolução de suas aprendizagens que considera os tempos, ritmos e espaços do aprender, o exercício da autonomia, a interação entre os pares e o meio, as linguagens, a representação gráfica, a resolução de situações-problema, a construção da imagem corporal e dos movimentos psicomotores, bem como o acompanhamento ativo que a família assume em parceria com a escola.

Hoje, valorizam-se as conquistas do aluno, seu desenvolvimento, seu crescimento e sua evolução. Partindo disso, elabora-se o parecer descritivo, atribuindo nele as etapas de desenvolvimento que o aluno apresenta maior evolução, bem como as atividades e ações que se destacam ao longo do processo de aprendizagem. O parecer descritivo é realizado mediante registros e anotações da escola e do professor, feitos sempre que necessário, que poderá conter falas significativas das crianças e atividades que mais se destacam.

A escola é um espaço caracterizado pela multiplicidade. Experiências, realidades, objetivos de vida, relações sociais, estruturas de poder, tradições históricas e vivências culturais diversas se deparam nos diversos discursos que se cruzam em seu cotidiano, pondo em diálogo conhecimentos produzidos a partir de várias perspectivas.

De acordo com Esteban (1999), freqüentemente a avaliação feita pelo professor se fundamenta na fragmentação do processo de ensino-aprendizagem e na classificação das respostas de seus alunos, a partir de um padrão predeterminado, relacionando a diferença ao erro e a semelhança ao acerto. E é a quantidade de erros e de acertos, que também incorpora o “comportamento”, os “hábitos” e as “atitudes” dos alunos, que orienta a avaliação do professor.

Nessa perspectiva, entende-se que o erro é resultado do desconhecimento, revelador do não saber do aluno, portanto uma resposta com valor negativo. O erro deve ser substituído pelo acerto, que é associado ao saber, e se revela quando a resposta do aluno coincide com o conhecimento veiculado pela escola, este sim, “verdadeiro”, valorizado e aceito, portanto positivamente classificado. Saber e não-saber, acerto e erro, positivo e negativo, semelhança e diferença são entendidos como opostos e como excludentes, instituindo fronteiras que rompem laços, isolam territórios, impedem o diálogo, enfim, demarcam a interpretação do contexto e tornam opacas as lentes de que se dispõe para realizar leituras do real.

Seleção, classificação e hierarquia de saberes e de pessoas, marcas de um processo que faz das relações dialógicas, relações antagônicas. Processo que gera práticas que dificultam a expressão dos múltiplos saberes, negando a diversidade e contribuindo para o silenciamento dos alunos – e por que não, de professores – portadores de conhecimentos e atuações que não se enquadram nos limites predeterminados: a semelhança e o acerto. As vozes dissonantes são avaliadas negativamente, não havendo espaço, no cotidiano escolar, para sua expressão, reconhecimento, indagação e fortalecimento. (ESTEBAN, 1999, p. 16)

Nesse sentido, a avaliação escolar silencia as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos, desvalorizando saberes, fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem como a ausência de conhecimento. A classificação das respostas em acertos e erros, ou satisfatória e insatisfatória, ou outras expressões do gênero, se fundamenta na concepção de que saber e não-saber são excludentes e na perspectiva de substituição da heterogeneidade real por uma homogeneidade idealizada.

Para Luckesi (1998) são muitos os caracteres que a atual prática de avaliação do aluno na escola apresenta. Após um período de aulas e exercícios escolares, os professores procedem a atos e atividades que compõem o que normalmente é denominado avaliação da aprendizagem escolar.

Esses instrumentos de avaliação são cotidianamente construídos da seguinte maneira: próximo ao final da unidade de ensino, o professor formula o seu instrumento de avaliação, a partir de diversas variáveis: conteúdos ensinados efetivamente; conteúdo que o professor não ensinou, mas que deu por suposto ensinado efetivamente; conteúdos “extras” que o professor inclui no momento da elaboração do teste, para torná-lo mais difícil; o humor do professor em relação à turma de alunos que ele tem pela frente; a disciplina ou a indisciplina social desses alunos, entre outros. Assim, são muitos os ingredientes que se fazem presentes na elaboração do instrumento de avaliação.

Assim elaborados, esses instrumentos são aplicados aos alunos e estes, por sua vez, respondem ao que lhes foi pedido, quando conseguem entender o que lhes foi solicitado. E no final do ano letivo, a partir dos níveis (conceitos ou notas) obtidos pelos alunos no decorrer das diversas unidades, obtém-se uma média, que será o meio de indicar a aprovação ou reprovação do educando naquela série ou ano de escolaridade em que se encontra. Esse ritual de avaliação é mais ou menos igual em todas as escolas brasileiras, de norte a sul, de leste a oeste.

Cabe ressaltar que a avaliação desempenha diversas funções, isto é, serve a múltiplos objetivos, não apenas para o sujeito avaliado, mas também para o professor, para a instituição escolar, para a família e para o sistema social. Para Sacristán (1998), sua utilidade mais notória não é, precisamente, a pedagogia, pois o fato de avaliar não surge na educação como uma necessidade de conhecimento do aluno e dos processos educativos. Parte-se de uma realidade institucional

historicamente condicionada e muito assentada que exige seu uso: avalia-se pela função social que com isso se cumpre. É uma missão historicamente atribuída à escola e concretamente aos professores, realizada num contexto de valores sociais, por certas pessoas e com certos instrumentos que não são neutros.

Essa multifuncionalidade da avaliação introduz contradições e exigências difíceis de harmonizar, o que se traduz em tensões e posições muito diferentes. Do ponto de vista pedagógico convém uma menor pressão da avaliação sobre o aluno, enquanto que socialmente tende a se acentuar, pois é impossível pensar que o sistema escolar não “rotule” os alunos quando saem dele e passam para a vida produtiva. O conflito nem sempre é evidente, pois enquanto algumas das funções são claras e explícitas, outras são ocultas.

Segundo Sacristán (1998), pelo modo como o ensino está organizado, pelo fato de que os resultados obtidos repercutem em valorização dos sujeitos e até são pontos de referência para a auto-estima, as práticas de avaliação têm influência decisiva nos alunos, em suas atitudes para com o estudo e conteúdo, nos professores, nas relações sociais dentro da aula e no meio social.

Essa projeção múltipla obriga a desvendar os significados desta prática tão desenvolvida, que escapa aos próprios professores. Uma coisa é querer realizá-la com certos objetivos e outra são os papéis que realmente se desempenha. Os professores devem investir-se da dupla perspectiva: para que e como avaliar, de um ponto de vista pedagógico e que funções cumpre a avaliação que realizam.

1.2 A avaliação educativa: construindo um novo olhar

“A avaliação não se dá, nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica” (LUCKESI, 2000, p. 28). Nessa perspectiva, é certo que o atual exercício da avaliação escolar não está sendo efetuado gratuitamente. Está a serviço de uma pedagogia, que nada mais é do que uma concepção teórica da sociedade, isto é, a prática dominante se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade.

Estando a atual prática de avaliação educacional escolar a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação, para propor o rompimento dos seus limites, tem-se, necessariamente, de situá-la num outro contexto pedagógico, ou seja, colocar a avaliação escolar a serviço de uma pedagogia que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social.

Na opinião de Luckesi (1998), para se romper com esta situação, importa romper com o modelo de sociedade e com a pedagogia que o traduz. Não há possibilidades de transformar os rumos da avaliação, fazendo-a permanecer no bojo de um modelo social e de uma pedagogia que não permite esse encaminhamento.

Para que a avaliação escolar assuma o seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento cognitivo do indivíduo terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. A avaliação deixará de ser autoritária se o modelo social e a concepção teórico-prática da educação também não forem autoritários. “Se as aspirações socializantes da humanidade se traduzem num modelo socializante e democrático, a pedagogia e a avaliação em seu interior também se transformarão na perspectiva de encaminhamentos democráticos” (LUCKESI, 2000, p. 42).

Nesse sentido, um educador que se preocupe com que a sua prática educacional voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social.

No entanto, a perspectiva de mudança, segundo Vasconcellos (2003), remete à necessidade de envolvimento dos sujeitos com o processo. Para haver mudança é preciso haver compromisso com uma causa, que pede tanto a reflexão, a elaboração teórica, quanto a disposição afetiva, o querer. Mas, a mudança não depende apenas do indivíduo, dado que os sujeitos vivem em contextos históricos que limitam as suas ações em vários aspectos.

Se não levarmos em conta a resistência do real e o enraizamento das idéias e dos quereres dos indivíduos, tudo se passaria como se a mudança dependesse de um simples e livre ato de vontade. Como se o sujeito pudesse fazer tudo aquilo que quisesse, que soubesse que faz e que decidisse conscientemente. Ora, não há dúvida que existe todo um campo de ação que passa por aí e neste campo o sujeito é responsabilizado, é chamado à ética. Todavia, há coisas que o indivíduo faz e não se dá conta, ou que não é bem aquilo que queria fazer. (VASCONCELLOS, 2003, p. 13)

Entende-se que as dificuldades ou resistências à mudança advém do fato da prática da avaliação dar-se em determinadas condições objetivas e estar vinculada, ainda que de maneira não consciente, a valores, representações, crenças, superstições, imaginário, mitos, conceitos, história de vida, concepção de humanidade e de sociedade, entre outros, de tal forma que se apresentam hoje como naturais.

Portanto, a avaliação, enquanto reflexão crítica sobre a realidade, ajuda a descobrir as necessidades do trabalho educativo, perceber os verdadeiros problemas para resolvê-los. “A rigor, a avaliação, no seu autêntico sentido, está no âmago dos processos de mudança, é parte imprescindível e, diríamos até, desencadeadora da atividade transformadora” (VASCONCELLOS, 2003, p. 19).

Os docentes são os co-autores desse processo, pois se compreende o quanto é importante que os alunos recebam orientações, auxílio e novos caminhos a seguir, para que possa a cada nova etapa alcançar com êxito os objetivos e metas traçadas.

1.3 As críticas e as reflexões sobre a prática docente

Sem desconsiderar que há causas, fora da escola, que condicionam as dificuldades e insucessos dos alunos, é preciso verificar também dentro da escola, como esta vem tratando as suas dificuldades e produzindo os seus fracassos. Reconhece-se que também na escola, por mecanismos mais ou menos explícitos, há uma prática discriminatória que acentua um processo de seleção e manutenção da hierarquia social. Aí se situa o processo de avaliação da aprendizagem que reflete e é um reflexo da dinâmica escolar. (SOUZA, apud HOFFMANN, 1993, p. 33)

Muitas dessas dificuldades, segundo Hoffmann (1993), se devem, em parte, pelo fato de que em reuniões na escola o professor raramente é levado a expressar livremente opiniões, fazer relatos sobre sua prática, analisar teoricamente situações

vividas. Burocraticamente, elabora planos formais, sintéticos e objetivos, e não faz relatórios. Esses, quando exigidos pelas escolas, passam a ser tarefas dos supervisores e coordenadores de áreas. Dentre todos os profissionais, os professores são os mais resistentes em discutir inovações dos próprios colegas. Cada um percebe-se como o mais competente em sua área, principalmente em relação à avaliação. Quando reunidos em Conselhos de Classe, os assuntos são os alunos e suas atitudes em aula. Quando em curso com especialistas, emudecem a espera de sugestões, sem oferecer as suas, muitas iniciativas importantes e significativas.

Segundo a autora, o resgate do cotidiano, em avaliação, exige um tempo de “deixar falar”, tempo de relatar situações, contar histórias, sem a delimitação de objetivos previamente estabelecidos, temas “a priori” determinados, análises críticas imediatamente feitas.

É temeroso ao professor expor suas idéias em avaliação. Sobrecarregado de críticas, há muitos anos, alguns procedimentos a serem divulgados diante dos colegas representam uma séria temeridade, porque se tem trabalhado com avaliação na base dos certos e errados absolutos. O espírito de competição entre os professores é o mesmo que se desperta entre os alunos em nome da avaliação. Agindo assim, a escola é pretensiosa e ensina muito pouco a humildade, quando não entende que na troca entre diferentes, ambos possam vir e muito a se beneficiar. (BOCHNIAK, apud HOFFMANN, 1999, p. 182)

Para a autora, respeito à sensibilidade do professor significa favorecer a oportunidade de trocar ideias e discutir o seu cotidiano com outros colegas, oportunizar-lhe tempo para reflexão e estudo de forma a repensar suas ações e entendê-las, descobrir-se em dúvida à semelhança da maioria dos professores e capaz de sugerir algumas alternativas próprias já construídas em sua prática. “Agregar novas perspectivas [...] só é possível quando compreendo meus próprios pensamentos e apreendo o de outros, isto é, quando habito possibilidades de consciência” (SOUZA, apud HOFFMANN, 1993, p. 183).

Tenho repetido que não acredito em transformações na prática avaliativa impostas via decretos ou mudanças de regimentos. O inverso, sim, vejo acontecer em escolas e municípios. Mudanças regimentais reivindicadas pelos professores que assumem posturas avaliativas diferenciadas a partir de grupos de estudo após muito tempo de discussão. Porque novas práticas revelam, mais do que ditames legais, novas posturas assumidas. (HOFFMANN, 1993, p. 183)

É preciso, também, investir na formação teórica do professor, é preciso dar-se conta da superficialidade da formação da maioria na área da educação. Mesmo se referindo a uma visão tradicional e classificatória da avaliação ou à concepção de medidas educacionais, poucos são os cursos de formação que até hoje, em seu currículo, incluem mais do que uma disciplina ou algumas poucas horas de estudo em avaliação educacional.

Dessa forma, é imperioso o desenvolvimento dos alicerces da teoria. O que também veio sendo equivocadamente considerado em sua essencialidade. Conforme Hoffmann (1993), por muitos anos, desenvolver estudos avaliativos significou estudar a teoria de medidas educacionais nos cursos de formação. Ensinaram-se muito mais sobre como fazer provas e como atribuir notas e médias, do que se trabalhou com o significado dessa prática em benefício ao educando e ao próprio trabalho do professor.

No entanto, estudar avaliação não significa estudar teorias de medidas educacionais (elaboração de testes) e tratamentos estatísticos (na atribuição de notas e conceitos, cálculos de médias, análise de itens de testes). Não se deve nem mesmo iniciar por essas discussões, porque a elaboração de instrumentos e registros de avaliação são a imagem de um trabalho, refletem o significado da avaliação e devem ser discutidos “a posteriori”.

Os fundamentos de uma ação avaliativa mediadora ultrapassam estudos sobre teorias de avaliação e exigem o aprofundamento em teorias de conhecimento bem como estudos referentes a áreas específicas de trabalho do professor.

Dentre os estudos sobre avaliação considerados por Hoffmann (1993) como prioritários no desencadeamento de quaisquer discussões, aponta-se o significado da ação avaliativa na escola. Referindo-se a posturas de vida que se revelam na prática dos professores, nada é mais forte que o significado conferido à avaliação na escola versus o sentido da avaliação na vida de cada educador.

Para educadores e educandos, para a sociedade, a avaliação na escola é obrigação: penosa, um mal necessário. No entanto, quando se fala de avaliação dos atos diários dos professores, da sua situação financeira, isso significa refletir para mudar, para tentar melhorar suas vidas. Faz-se isso todo o dia, todo o tempo, sem programações ou registros formais sobre os descaminhos até então. Tentam-se várias vezes descobrir melhores soluções para um determinado problema e amadurecer a partir de algumas tentativas frustradas.

Para a autora, se tal é o sentido da avaliação na vida, esse não é o sentido da avaliação na escola. Através da formalização do processo, perdeu-se o bom senso em relação ao seu significado:

O homem é o único ser provido de razão, portanto, capaz de refletir diante dos seus atos e agir diferentemente dos outros. Esse é o sentido de toda e qualquer reflexão. Nossas ações são carregadas de intenções, reveladoras de posturas diante da vida. Não há como separar o agir e o pensar. Mas não é assim que se imagina que aconteça na escola? Há o tempo de agir (dar aulas, explicações, fazer exercícios), separado do tempo de refletir, julgar resultados (corrigir, verificar, atribuir notas e conceitos, fazer pareceres). Os professores dizem que gostam muito de dar aulas, mas não gostam de avaliar! E essa dicotomia é possível, pensando-se no verdadeiro sentido das ações avaliativas? (HOFFMANN, 1993, p. 189)

Se a avaliação na vida tem gosto de recomeçar, de partir para melhor, de fazer muitas outras tentativas, por que, na escola se mantém o significado sentencioso, de constatação, de provas de fracasso, periodicidade rígida?

Sua rigidez, sua formalização secular obstaculiza a espontaneidade natural ao processo. Espontaneidade, no sentido de perceber a avaliação inerente ao cotidiano do professor, de valorizar as dúvidas a educadores e educandos como etapas no seu desenvolvimento, entender que a relação que se estabelece via avaliação é absolutamente natural na convivência entre os homens.

A ação avaliativa mediadora, segundo Hoffmann (1993), se desenvolve em benefício ao educando e ocorre fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, apud HOFFMANN, 1993, p. 191).

A curiosidade de conhecer a quem se educa, a descoberta de si próprio, o desenvolver do conhecimento e das possibilidades dos educandos em uma contínua troca de saberes, fazem parte do sucesso do processo de avaliação.

1.4 A gestão escolar: caminhando junto com a docência

A educação está sempre voltada a retomada de seus conceitos e de sua importância na transformação social. Ser educador/gestor nos dias atuais está se tornando um grande desafio, pois as escolas estão precisando cada vez mais de

profissionais comprometidos com suas ações, que busquem uma educação mais humana e qualificada, e a sociedade também espera muito ansiosa esta transformação que é tão almejada.

É importante estar sempre revendo conceitos e elencando a eles suas verdadeiras razões e significados. A Pedagogia sendo uma importante ciência da educação é a chave para a mudança e transformação da sociedade em todos os aspectos, sendo eles sociais, intelectuais e políticos, cada um com suas contribuições entrelaçadas ou distintas.

Um aspecto de suma importância é a participação efetiva dos profissionais da educação e comunidade escolar na construção do PPP das escolas, investigando as principais demandas da comunidade e da realidade que está sendo trabalhada de acordo com o meio em que estão inseridos. De nada adianta construir um PPP maravilhoso, recheado de ideias e metas que jamais poderão ser postas em prática ou executadas com total desempenho e aproveitamento dos principais envolvidos nessa proposta. Deve-se fazer um mapeamento muito minucioso das necessidades e propostas que serão projetadas nesse documento que é a essência para as escolas e que deve também ser construído de forma coletiva.

Penso que não existe planejamento, projeto ou ações pedagógicas sem o verdadeiro comprometimento e amor do educador/gestor pela sua profissão, pois somente com muito encantamento e entusiasmo no que faz é que vai conseguir transformar a realidade educacional.

O sucesso da qualidade no ensino e na educação dos cidadãos não depende somente dos governantes, para que possa alcançar a cada dia uma educação imersa em realizações e qualidade precisa-se de docentes cada vez mais comprometidos com sua profissão, que realmente façam a diferença no âmbito educacional e tenham um trabalho em conjunto com uma forte equipe gestora, caminhando sempre rumo ao melhor para a educação.

Conforme as contribuições de Lück (2006), a gestão refere-se ao conjunto de normas, diretrizes, estrutura organizacional, ações, procedimentos que asseguram a racionalização do uso de recursos humanos, materiais financeiros e intelectuais, coordenação e o acompanhamento do trabalho escolar. Essas demandas originam as mudanças na escola, a fim de que garantir a formação competente dos alunos, de modo que sejam capazes de enfrentar os problemas cada vez mais complexos da sociedade. A gestão no contexto escolar exige

organização do trabalho educacional, assim como participação da comunidade na realização do PPP das instituições.

As escolas são ambientes formativos, assim significando que as práticas de organização e gestão educam, podendo criar ou modificar os modos de pensar e agir dos aprendentes. Saviani (1996, p. 208) fala que:

A escola é uma instituição de natureza educativa. Ao diretor cabe, então, o papel de garantir o cumprimento da função educativa que é a razão de ser da escola. Nesse sentido, é preciso dizer que o diretor de escola é antes de tudo, um educador; antes de ser administrador ele é um educador.

O diretor de escola ocupa uma posição importante na estrutura do ensino público, uma vez que responde pela articulação da escola com a comunidade em que se insere e, também com a rede que compõe o sistema de ensino. Além disso, deve garantir o bom funcionamento da escola, visando o melhor atendimento pedagógico aos alunos, juntamente com sua equipe gestora de coordenação, supervisão e docentes que nela estão inseridos.

Os pais e professores precisam estar presentes nas discussões dos aspectos educacionais, conhecendo as situações de aprendizagem e percebendo o que é melhor para a solução dos problemas do cotidiano, sendo assim, a escola ouve sugestões e aceita as influências.

Nesse sentido, Gadotti (2000) diz que para se obter êxito no PPP é importante uma comunicação que se faz ser entendida por todos, comunidade escolar e família, também a vontade política e recursos financeiros, avaliação constante e um ambiente favorável, é preciso acreditar naquilo que faz, buscando um referencial teórico para sustentar os conceitos estruturais do projeto.

Realizar uma gestão democrática significa acreditar que todos juntos têm mais chances de encontrar caminhos para atender as expectativas da sociedade a respeito da atuação da escola. Ampliando o número de pessoas que participam da vida escolar, é possível estabelecer relações mais flexíveis e menos autoritárias entre educadores e comunidade escolar. É importante que toda comunidade escolar participe da discussão, em igualdade de condições, sem ter receio de expor posições contrárias, nas reuniões e nas conduções de decisões.

Para Libâneo (2003), a organização escolar entendida como comunidade democrática de aprendizagem, transforma a escola em lugar de compartilhar valores

e práticas, por meio da reflexão conjunta sobre os planos de trabalho, problemas e soluções relacionados à aprendizagem dos alunos e ao funcionamento da instituição. Nesse sentido, Rizzo (2002, p. 94) diz que:

O educador será um coordenador das motivações das crianças, conduzindo sua ação exploratória, e o responsável e provedor do ambiente, que deve ser rico em estímulos que desencadeiam experiências produtivas de conhecimento: físico, social, conceitual, metodológico e de atitudes.

Os aspectos históricos influenciam de maneira positiva nos processos políticos e administrativos educacionais, pois cada período da história deixou contribuições significativas que são de suma importância para a atual história da política e educação, desde a vinda dos jesuítas, o positivismo e o liberalismo. São processos que contribuíram para a civilização, colonização e globalização, significando conquistas na economia, na política e na cultura, envolvendo sempre a educação.

Contudo, a gestão escolar recebe fortes influências históricas e da democracia em suas implicações, pois a equipe gestora deve zelar pelo bom andamento das atividades escolares e estabelecer vínculos entre a teoria e a prática. Uma equipe gestora coesa e democrática será responsável por uma educação de qualidade.

Por isso é que a escola exerce papel fundamental na formação do homem democrático e na formação da cidadania, pois o conhecimento e a diversidade de saberes é fator dominante na nossa sociedade, para que esta se torne cada vez mais igualitária e justa.

1.5 A avaliação da criança na educação infantil

A educação infantil anteriormente era vista como assistencialista, em que a preocupação era somente com a questão do cuidado, sem se preocupar com o desenvolvimento da criança.

A partir do momento em que passou a integrar a primeira etapa da educação básica, a questão da avaliação começou a ser pensada de forma efetiva, em virtude da exigência de adequação a todos os aspectos educativos do sistema. Inicialmente a avaliação da educação infantil seguia os modelos de ensino regular, dando a

entender que era apenas para controlar a ação do professor e o comportamento dos alunos.

Somente com o surgimento da Lei 9.394, de 1996 é que essa concepção começou a mudar, sendo que em seu artigo 31 preconiza como se procede a avaliação na educação infantil.

Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, 1996)

Sendo assim, a avaliação na educação infantil é realizada a partir da observação da criança, abrangendo o registro da evolução de suas aprendizagens que considera os tempos, ritmos e espaços do aprender, o exercício da autonomia, a interação entre os pares e o meio, as linguagens, a representação gráfica, a resolução de situações-problema, a construção da imagem corporal e dos movimentos psicomotores, bem como o acompanhamento ativo que a família assume em parceria com a família.

Hoje, valoriza-se as conquistas da criança, seu desenvolvimento, seu crescimento e sua evolução. Partindo disso, elabora-se o parecer descritivo, atribuindo nele as etapas de desenvolvimento que a criança apresenta maior evolução, bem como as atividades e ações que se destacam ao longo do processo de aprendizagem. O parecer descritivo far-se-á mediante registros e anotações da escola e do professor, feitos sempre que necessário, onde poderá conter falas significativas das crianças e atividades que mais se destacam.

Avaliação é, antes de tudo, um instrumento que ajuda a garantir o processo de aprendizagem. Concepções de avaliação relacionam-se com concepções de ensino e aprendizagem e de relações sociais. Repensar a avaliação implica necessariamente uma reflexão crítica acerca da prática pedagógica, da escola e de sua função social.

Dentro de uma concepção dinâmica e histórica do conhecimento, a avaliação é um dos meios para garantir o processo de aprendizagem. Tem, portanto, uma dimensão diagnóstica, investigativa e processual. É dentro desse conceito que o PPP define as concepções e procedimentos gerais de avaliação considerados coerentes com as finalidades e pressupostos de ensino e aprendizagem. Rovira e Peixe (apud, ARRIBAS, 2004, p. 390) destacam que:

A avaliação deve ser entendida como a comprovação da validade do projeto educativo e das estratégias didáticas empreendidas para a consecução dos objetivos propostos. Portanto, o professor deve entendê-la como um instrumento de investigação didática que, a partir da identificação, da coleta e do tratamento de dados, permite-lhe comprovar as hipóteses de ação, com a finalidade de confirmá-las e introduzir nelas as modificações pertinentes. A avaliação deve proporcionar retroalimentação a todo o processo didático.

Não só na educação infantil, mas também nos demais níveis do sistema escolar, os avaliados são única e exclusivamente a criança. Mas é preciso analisar criticamente essa prática, pois o fato de as crianças serem o único objeto da avaliação revela a estrutura de poder e autoridade da grande maioria das instituições escolares.

É necessário que a clássica forma de avaliar, buscando os erros e os culpados, seja substituída por uma dinâmica de avaliação capaz de trazer elementos de crítica e transformação ativa para o trabalho. Nesse sentido, todos são objetos e sujeitos de avaliação: professores, equipe de orientação, supervisão e direção, crianças e pais.

A esse respeito, também é importante a consideração de Hoffmann (2002, p. 27), quando afirma que:

Quem procura um médico está em busca de pelo menos duas coisas, um diagnóstico e um remédio para seus males. Imagine sair do consultório segurando nas mãos, em vez da receita, um boletim. Estado geral de saúde nota seis, e ponto final. Doente nenhum se contentaria com isso. E os alunos que recebem apenas uma nota no final de um bimestre, será que não se sentem igualmente insatisfeitos? Se a escola existe para ensinar, de que vale uma avaliação que só confirma "a doença", sem identificá-la ou mostrar sua cura? Assim como o médico, que ouve o relato de sintomas, examina o doente e analisa radiografias, você também tem a disposição diversos recursos que podem ajudar a diagnosticar problemas de sua turma. É preciso, no entanto, prescrever o remédio. A avaliação escolar, hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para a melhor aprendizagem.

Desse modo, a avaliação é considerada como elemento favorecedor da melhoria de qualidade da aprendizagem, deixando de funcionar como arma contra o aluno. É assumida como parte integrante e instrumento de auto-regulação do processo de ensino e aprendizagem, para que os objetivos propostos sejam atingidos. A avaliação diz respeito não só ao aluno, mas também ao professor e ao próprio sistema escolar.

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada

de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu papel na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais precisam maior apoio.

Tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões requer que esta ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como é o habitual. Isso possibilita ajustes constantes, num mecanismo de regulação do processo de ensino e aprendizagem, que contribui efetivamente para que a tarefa educativa tenha sucesso.

Nesse sentido, para que possa se constituir como um instrumento voltado para reorientar a prática educativa, a avaliação deve se dar de forma sistemática e contínua, tendo como objetivo principal a melhoria da ação educativa. O professor, ciente do que pretende que as crianças aprendam, pode selecionar determinadas produções das crianças ao longo de um período para obter com mais precisão e informações sobre sua aprendizagem. Os pais, também, têm o direito de acompanhar o processo de aprendizagem de suas crianças, se inteirando dos avanços e conquistas, compreendendo os objetivos e as ações desenvolvidas pela instituição de ensino.

Avaliação é, antes de tudo, um instrumento que ajuda a garantir o processo de aprendizagem. Concepções de avaliação relacionam-se com concepções de ensino e aprendizagem e de relações sociais. Repensar a avaliação implica necessariamente uma reflexão crítica da prática pedagógica, da escola e de sua função social. Dentro de uma concepção dinâmica e histórica do conhecimento, a avaliação é um dos meios para garantir o processo de aprendizagem.

CAPÍTULO 2

2 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO PROCESSO AVALIATIVO: UM ESTUDO EM DUAS REALIDADES DISTINTAS

Superar a realização da avaliação apenas com intuítos classificatórios tornou-se um constante desafio para os docentes, pois é muito importante que passem a construir uma avaliação que colabore com os objetivos do enfoque do desenvolvimento contínuo dos alunos e da instituição.

Na escola, agrega-se a propósitos mais amplos do que a preocupação do conhecimento e desenvolvimento das estruturas cognitivas do sujeito. Com isso, entende-se que ela se associa aos PPPs que a escola deve construir coletivamente, para decidir o seu modo particular de intervenção na sociedade, por tratar-se de uma instituição integrante dessa mesma sociedade.

A avaliação contempla não só o aluno, suas produções, suas hipóteses cognitivas, mas também, os próprios procedimentos pedagógicos utilizados pelos docentes e gestores. O processo avaliativo abrange também o próprio projeto em construção, colaborando para a superação de seus impasses e impulsionando-o para a conquista de maior clareza e coerência na prática, onde os docentes precisam sempre contar com o apoio dos gestores para o sucesso deste processo na educação.

Para a realização desta pesquisa foram levantados dados de seis profissionais da área da educação de duas escolas de educação infantil. Sendo quatro deles professores e dois coordenadores pedagógicos. Todos os profissionais são licenciados em Pedagogia com exceção de um deles que possui formação em Educação Física – Licenciatura.

Os profissionais entrevistados atuam na área da Educação há mais de 10 anos, propiciando a cada um deles conhecimento sobre o assunto abordado. Na formação destas pessoas foi contemplado o tema avaliação na Educação Infantil, contudo, a graduada em Educação Física relata que o assunto foi abordado de uma maneira geral. “Foi contemplado o tema avaliação de um modo geral, não específico na área da Educação Infantil” (DÁLIA, p. 2). Uma das coordenadoras pedagógicas relatou que:

A avaliação da criança em formação enquanto sujeito faz parte de seu desenvolvimento, propiciando entender a capacidade e especificidade de cada fase da criança, respeitando a sua individualidade e seu tempo de cognição, por isso a importância deste tema ser abordado em nossa formação acadêmica. (MARIA, p. 2)

Assim, é possível perceber a distância que alguns docentes ainda possuem deste tema, que é tão importante para efetivar a prática e colher resultados com os alunos de maneira que agreguem a ambos construção de conhecimentos.

Para estes professores e gestores a formação continuada, abordando o tema Avaliação Infantil tem sido superficial, pois a maioria dos cursos realizados por eles não enfatizam diretamente este tema. “Participo de cursos, seminários, congressos, etc voltados a Educação Infantil, porém a grande maioria não trata da avaliação como tema principal” (DÁLIA, p. 2). Um dos docentes relatou sobre a questão de forma positiva:

Sim, participo de Seminários e discussões durante a academia, participações em Fóruns que discutem a Educação Infantil de uma forma abrangente tratando de políticas públicas e avaliações que são pertinentes para uma Educação de qualidade para as crianças entre os quais o MIEIB. (QUEILA, p. 2)

Penso, apesar da grande maioria relatar que o tema é abordado de forma superficial, que a educação está se voltando para um caminho muito promissor, principalmente no que se refere a avaliação na Educação Infantil, onde os profissionais estão cada vez mais preocupados com suas ações e práticas, entendendo as crianças como seres únicos e singulares.

O embasamento destes profissionais em sua prática profissional está ancorada em uma concepção de gestão democrática e participativa. Conforme Lück (2002):

O trabalho escolar é uma ação de caráter coletivo, realizado a partir da participação conjunta e integrada dos membros de todos os segmentos da comunidade escolar. Portanto, afirmar que sua gestão pressupõe a atuação participativa representa um pleonasma de reforço a essa importante dimensão da gestão escolar. Assim, o envolvimento de todos os que fazem parte, direta ou indiretamente, do processo educacional no estabelecimento de objetivos, na solução de problemas, na tomada de decisões, na proposição, implementação, monitoramento e avaliação de planos de ação, visando os melhores resultados do processo educacional, é imprescindível para o sucesso da gestão escolar participativa.

É de suma importância que os docentes e a equipe gestora estejam sempre engajados para estabelecer aos alunos uma avaliação que contemple não somente resultados mas sim que norteie uma avaliação do desenvolvimento de sua prática perante aos alunos. Que possam contar com a participação efetiva da criança e da família para que colham estes frutos de forma conjunta e unida, com apoio de ambos.

Nas escolas, a avaliação é abordada através de planejamentos, artigos, registros, reuniões, através de bibliografias e relatos do desenvolvimento das crianças, seus progressos, suas dificuldades de acordo com faixa etária de cada criança. Utilizam relatórios de desenvolvimento (parecer descritivo), que acontece semestralmente.

É abordado em reuniões, através de bibliografias e relatos do desenvolvimento das crianças, seus progressos, suas dificuldades de acordo com faixa etária de cada criança. (ROSA, p. 3)

Entendemos a avaliação como uma documentação pedagógica que torna visível o trabalho educativo da escola criando um espaço de reflexão democrático sobre as aprendizagens. Tem por objetivo acompanhar os processos de aprendizagem, sendo construída por significados, fruto de interpretações que se constituem nas relações existentes na ação educativa. É uma forma de evidenciar o que construímos, das crianças e de nós mesmos, podendo ser vista como uma narrativa, é assim auto reflexiva. Os alunos são co-construtores deste material, pois evidenciamos a maneira como nos relacionamos com a criança, com o nosso trabalho e também como pensamos a criança, nosso olhar deixando evidenciado nossa prática e nossas concepções. (MARIA, p. 3)

Sabe-se que assumir uma avaliação construtivista não perpassa somente por realizá-la através de trabalhos diários em sala de aula ou ainda de dizer que é feita de forma contínua, mas sim rever ou se vestir de uma nova visão de homem e de mundo, para poder enxergar o cidadão do futuro e esta tarefa não é fácil.

Analisando os dados pesquisados, nota-se que a maioria das escolas avalia os alunos de maneira individual, utilizando-se de diferentes formas de registros sobre ela, como suas expressões, falas, fotografias e descrições de cenas de seu cotidiano, visando uma avaliação ponderada e coerente para cada criança.

Gadotti (1996) colabora com esse fato ao afirmar que a quase totalidade da literatura referente à avaliação diz respeito à aprendizagem do aluno. E entre esta literatura, grande parte refere-se a técnicas de avaliação. A avaliação como processo não pode ser reduzida a ensino, muito menos a técnicas. É um processo

que faz parte da reflexão permanente sobre qualquer atividade humana e necessita da contribuição das diferentes áreas do conhecimento para realizar seu potencial de transformação. Constitui-se numa ação intencional, que diz respeito a várias atividades profissionais.

Percebe-se que alguns professores entrevistados não compreenderam a avaliação como processo de desenvolvimento, pois, nota-se que nas falas houve equívoco, confundindo aspectos comportamentais com a avaliação como um processo de desenvolvimento da criança.

Às vezes possuo dificuldades em elaborar a avaliação de algumas crianças, pois fica difícil expor aspectos principalmente voltados ao comportamento dos mesmos, quando a mesma só “briga” com os colegas. (ROSA, p. 3)

Fico em dúvida de como devo organizar a avaliação daqueles alunos que não participam das atividades, que só brigam com os colegas, que se distraem com facilidade e que não sentem-se inseridos no ambiente da escola. (MARGARIDA, p. 3)

Neste caso, estes profissionais necessitam de um maior apoio de seus gestores no processo de avaliação dos alunos, bem como aprofundar mais seus estudos nesta área, pois todas as crianças possuem conquistas, sucessos, crescimentos, não se pode avaliar somente aqueles bem comportados, participativos ou que possuem um relacionamento exemplar com os demais colegas.

Quando o assunto é aprendizagem, o papel de cada um está bem claro - da escola, ensinar, e dos pais, acompanhar e fazer sugestões. Porém, se o tema é comportamento, as ações exigem cumplicidade redobrada. Ao perceber que existem problemas pessoais que se refletem em atitudes que atrapalham o desempenho em sala de aula, os pais devem ser chamados e ouvidos, e as soluções, construídas em conjunto, sem julgamento ou atribuição de culpa.

Uma das escolas envolve as famílias neste processo de avaliação de uma maneira muito interessante, conforme a fala da coordenadora pedagógica a seguir:

Acontece semestralmente uma conversa formal chamada de Relato de Desenvolvimento do Aluno aonde os pais vêm até a escola para contribuir com as ações dos professores, falando do que perceberam do desenvolvimento dos seus filhos, o que sugerem de melhorias, o eu estão achando da proposta da escola e os professores dão o feedback as famílias, contando um pouco das atividades, projetos e de como estão vendo a criança neste processo de aprendizagem. (MARIA, p. 4)

O PPP das escolas foi desenvolvido de maneira coletiva, visando a participação de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Para ambos os supervisores, a gestão escolar pode ser fortalecida com a ajuda de todos os profissionais da escola, juntamente com os pais dos alunos e comunidade escolar, priorizando assim uma gestão participativa.

Deve haver participação de todos envolvidos no processo educativo. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, propiciando assim um clima de trabalho favorável e maior aproximação entre gestor, professores, pais e alunos. (MAIARA, p. 3)

Para fortalecer o papel do gestor é necessário que o mesmo tenha uma postura de investigador, pesquisador frente ao conhecimento, buscando sempre qualificar sua prática comprometido com os princípios da proposta pedagógica e com as diretrizes da instituição, dando o suporte necessário a toda equipe e disseminando a mesma proposta, garantindo que a prática educativa e o cotidiano escolar estejam de acordo com a mesma. (MARIA, p. 3)

A construção do PPP e do Regimento Escolar, baseado nessa metodologia, poderá legitimar a prática curricular da escola não por se tratar de documentos que devem ser cumpridos por força de lei, mas como um conjunto de intenções de uma comunidade que busca assumir uma cara mais alegre, mais solidária, mais humana, menos excludente, mais tolerante e comprometida com sua realidade, desencadeando uma prática curricular que promova a democracia.

O envolvimento da família é de extrema importância, pois os pais ou responsáveis são convidados para participar de reuniões semestralmente onde é relatado o desenvolvimento da criança e as ações feitas durante o período letivo.

A escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos.

Através de atividades de estimulação, as dificuldades de aprendizagens são sanadas, visando a dificuldade específica de cada criança, pois sendo sujeitos em processo de desenvolvimento, cada um apresenta suas hipóteses e descobertas. Cabe, pois, ao professor perceber estas descobertas e moldá-las, agindo como mediador, dando a criança o apoio necessário para seu desenvolvimento cognitivo. Vygostsky (1981) deixa claro que o processo de desenvolvimento não é linear, uma

vez que os sujeitos são singulares. Destaca, assim, a categoria da heterogeneidade. Afirma também que as funções psicológicas superiores são de ordem social e eminentemente humanas, além de serem desenvolvidas na e pela interação com outros sujeitos.

Assim, sujeitos de culturas diferentes aprendem dependendo da mediação realizada. O autor ainda explicita que não se elabora conceitos por meio de treinamentos e repetições mecânicas, mas tais elaborações só acontecem a partir das práticas sociais.

Deste modo, é fundamental que a gestão escolar estabeleça uma relação coerente sobre a avaliação no processo de ensino-aprendizagem nas escolas de Educação Infantil, auxiliando os professores na investigação de como melhorar sua práxis, intervindo e mediando, tendo sempre como maior interesse o desenvolvimento dos alunos em todos os aspectos (cognitivo, psicomotor, psicossocial, afetivo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São em inúmeros lugares sociais onde os homens se fazem seres humanos, onde aprendem o mundo, onde aprendem a vida, socializam ou individualizam a linguagem, usufruem as aprendizagens trazidas da família, nos grupos de iguais, em instituições ou organizações sociais. Contudo, a escola possui o espaço tomado por privilégios da aquisição de conhecimentos.

Na sociedade, as aprendizagens que todos necessitam para a vida com autonomia e dignidade, passam a exigir formas de organização e sistematização que só podem ser cumpridas num sistema formal de educação, em parceria com um consenso político, em que possa se contar com a plena participação da família e da sociedade de uma forma sadia.

A aprendizagem assume na escola, uma forma explícita, proposital e sistemática, pois as crianças vão à escola para aprender, para socializar seus conhecimentos, para atribuírem cada vez mais o seu direito de ser cidadão do lugar em que vivem. A escola é uma instituição social que foi criada por grupos sociais dentro de regras comuns aprovadas pelo contexto social. Mas cada escola possui suas características e entende-se que é assim que deve ser, pois quem a faz de fato são os que nela se encontram, os interesses da população de uma determinada localidade, os profissionais que nela se encontram, e os alunos juntamente com a comunidade atendida por ela.

Foi possível perceber com a realização da pesquisa que as escolas investigadas consideram de grande importância para construir suas avaliações acerca das aprendizagens das crianças, avaliar os alunos como seres únicos e singulares, seres que possuem suas características pessoais, familiares e sociais, sendo preciso levar isto em consideração no momento da elaboração de seus relatórios de desenvolvimento ou pareceres descritivos.

Assim, a escola enfrenta um desafio contínuo e permanente, onde precisa atender as necessidades exigidas pela sociedade, pela família e pelas crianças. Isto requer da instituição e dos profissionais que fazem parte dela saber que tipo de alunos vai atender, que tipos de aprendizagens deve propiciar. A instituição escolar necessita definir-se em sua identidade, tendo um projeto coerente e democrático.

A avaliação do processo de ensino aprendizagem deve ser um processo contínuo, em comum acordo com a escola e com a família como mediadores destes

conhecimentos e desta melhora no ensino. Nem a escola e a família agem sozinhas neste processo, possuindo um papel importante na avaliação dos alunos da Educação Infantil, onde precisa contar com profissionais e gestores preparados e, principalmente, comprometido com suas ações perante o processo de educação das crianças, pois é na educação infantil que ocorre os primeiros alicerces da formação do caráter, da personalidade, da auto estima destas crianças e depende destes caminhos para seguirem sua caminhada escolar cercada de otimismo e vontade de fazerem parte de um mundo melhor.

Uma das instituições investigadas utiliza como ferramenta para desenvolver a avaliação dos alunos o parecer descritivo, onde os professores possuem autonomia para sua elaboração, sempre podendo contar com o apoio da coordenação pedagógica, também realizando constantes estudos, reuniões de formação e trocas de saberes entre os docentes, colaborando assim uns com os outros.

A outra escola realiza relatório de desenvolvimento do aluno, permeado pelas informações contidas nos registros diários realizados pelos professores, pelas anotações individuais de cada aluno, pelos subsídios e informações retirados das conversas realizadas com os familiares no relato oral, que é realizado antes da realização dos relatórios. Assim, com este leque de informações o professor consegue realizar uma avaliação mais concisa, contando com a efetiva participação da família, das crianças e também com o constante suporte dado pelo coordenador pedagógico e estudos sobre o tema.

Penso que as escolas infantis estão se aproximando cada vez mais de um modelo de avaliação que permita ao aluno ser protagonista do seu desenvolvimento e aprendizagens, não tendo a avaliação somente como meio de colher resultados ou atribuir conceitos sobre o processo de ensino aprendizagem, mas de contribuir para a formação social deste seres humanos.

Por isso é fundamental articular todos os papéis que se desenrolam na instituição escolar, abrangendo alunos, professores, família e demais gestores escolares, pois todos possuem importante papel na promoção dos processos de reconstrução da aprendizagem que devem ser desenvolvidos pela escola.

Do diálogo entre os professores e os demais gestores surgem as formas para acompanhar a aprendizagem das crianças e para melhor atribuir a estas uma avaliação construtiva. Estas formas terão de ser desenvolvidas com base nas

experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos. Essa parceria nas ações concretiza as mediações necessárias para o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico na escola e do processo de avaliação do processo de ensino-aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, Teresa Lleixá e colaboradores. **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative research for education**. Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982.

ESTEBAN, M. T. **A avaliação no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O Projeto Político Pedagógico da Escola na perspectiva de uma educação para a cidadania**. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

_____. **Avaliação Mediadora: educação e realidade**. 17. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem: estudos e proposições**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LÜCK, H. **Gestão Educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Série: Cadernos de Gestão.

_____. **A Dimensão Participativa da Gestão Escolar**. Artigo, 2002.

MAZZOTTI, A. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

RIZZO, G. **Creche Organização Currículo e Funcionamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SACRISTÁN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SAVIANI, D. **Política e educação no Brasil: o papel do congresso nacional na legislação do ensino**. 3. ed. rev. Campinas : Autores Associados, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem:** práticas de mudança por uma práxis transformadora. 5. ed. São Paulo: Libertad, 2003.

SOUZA, Charliza P. de (Org.). **Avaliação do rendimento escolar.** Campinas: Papyrus, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de apresentação**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Tio Hugo, 10 de junho de 2011.

De: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Para: Profa _____

Assunto: Apresentação de aluna do curso de Especialização em Gestão Educacional/EAD/UFSM para realização de pesquisa.

Venho por meio desta apresentar a aluna Luciana Pinto, matriculada no curso de Especialização em Gestão Educacional a distância, da Universidade Federal de Santa Maria, sob matrícula número 20106EAD0332, com o intuito de desenvolver uma pesquisa nesta instituição, cujo objetivo consiste em investigar como a gestão escolar exerce seu papel na avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e qual sua intervenção para auxiliar os seus docentes neste aspecto.

Atenciosamente,

Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim
Orientadora

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Título do estudo: O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Pesquisadora responsável: Luciana Pinto

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria/Universidade Aberta do Brasil

Telefone para contato:

Local da coleta de dados:

Prezado(a) Senhor(a):

- Você está sendo convidado(a) a responder as perguntas do questionário desta pesquisa de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar e responder o questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar.
- É garantido o direito de **desistir** de participar da pesquisa e a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você.
- São-lhe garantidos os direitos de ser mantido **atualizado** sobre os resultados parciais da pesquisa.
- Despesas e compensações: não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.
- Em caso de dano pessoal, diretamente causado pelos procedimentos propostos neste estudo (nexo causal comprovado), o participante tem direito às indenizações legalmente estabelecidas.
- O pesquisador responsável se compromete a utilizar os dados e o material coletado somente para a realização desta pesquisa.

Objetivo do estudo: Investigar como a gestão escolar exerce seu papel na avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e qual sua intervenção para auxiliar os seus docentes neste aspecto

Procedimentos: Responder um questionário.

Benefícios: Maior conhecimento sobre o tema abordado na pesquisa:
“O papel da gestão escolar na avaliação do processo de ensino-aprendizagem”

Riscos: Responder ao questionário apresenta um risco mínimo de ordem física ou psicológica, podendo causar um desconforto para você.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: **“O papel da gestão escolar na avaliação do processo de ensino-aprendizagem”**

Ficaram claros quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Tio Hugo, _____ de junho de 2011.

Assinatura do participante da pesquisa

RG

Eu, Luciana Pinto, declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante da pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Tio Hugo, _____ de junho de 2011.

Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE C - Termo de confidencialidade

Título do estudo: O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Pesquisadora responsável: Luciana Pinto

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria/Universidade Aberta do Brasil

Telefone para contato:

Local da coleta de dados:

A pesquisadora do presente projeto, Luciana Pinto, aluna do curso de Especialização em Gestão Educacional à distância, da Universidade Federal de Santa Maria, sob matrícula número 20106EAD0332, se compromete a preservar a privacidade dos entrevistados cujos dados serão coletados através de um questionário. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para a realização da presente pesquisa. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão preservados por um período de três anos sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos.

Tio Hugo, ____ de junho de 2011.

Luciana Pinto
Pesquisadora responsável

APÊNDICE D - Questionário respondido pelos coordenadores pedagógicos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Especializanda: Luciana Pinto

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Instruções

O presente questionário tem como propósito investigar como a gestão escolar exerce seu papel na avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e qual sua intervenção para auxiliar os seus docentes neste aspecto.

As questões são dispostas de duas maneiras: fechadas e abertas.

Por favor, responda com objetividade e sinceridade

Suas respostas, opiniões e sugestões são de extrema relevância para esta pesquisa e para se conhecer como a gestão escolar e a avaliação dos alunos está presente na Educação Infantil nas escolas de Carazinho.

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

I - DADOS GERAIS

1. Nome: _____
2. Nome fictício: _____
3. Endereço: _____
4. Escola: _____
5. Telefones para contato: _____

II - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1. Qual sua formação acadêmica?

2. Há quantos anos está exercendo o cargo de Coordenador Pedagógico?

3. Na sua formação profissional foi contemplado o tema avaliação na educação infantil?

4. Você já fez ou faz cursos, seminários, congressos ou algum tipo de formação continuada em Educação Infantil e que focalizem a avaliação na educação infantil?

III - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1 Qual a concepção de gestão escolar que embasa a sua prática?

2 Quem são as pessoas que tem conhecimento a respeito do Regimento Escolar, Projeto Pedagógico e Planos de Estudo?

3 Como foi realizada a construção do PPP?

4 Na sua opinião, o que deve ser feito para fortalecer cada vez mais o papel da gestão escolar?

5 De que forma o tema avaliação é abordado com a equipe na escola?

6 Quais são os procedimentos utilizados para realizar a avaliação da aprendizagem dos alunos e qual a sua periodicidade?

7 Os professores possuem autonomia na realização das suas avaliações com os alunos ou devem seguir um padrão determinado pela escola?

8 Como a escola envolve a família no processo de avaliação da aprendizagem?

9 O que a escola faz para auxiliar os alunos que apresentam alguma dificuldade no seu processo de aprendizagem?

Comentários e sugestões:

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

Apêndice E – Questionário respondido pelos professores

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Especializanda: Luciana Pinto

Orientadora: Profa. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim

Instruções

O presente questionário tem como propósito investigar como a gestão escolar exerce seu papel na avaliação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos e qual sua intervenção para auxiliar os seus docentes neste aspecto.

As questões são dispostas de duas maneiras: fechadas e abertas.

Por favor, responda com objetividade e sinceridade

Suas respostas, opiniões e sugestões são de extrema relevância para esta pesquisa e para se conhecer como a gestão escolar e a avaliação dos alunos está presente na Educação Infantil nas escolas de Carazinho.

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

I - DADOS GERAIS

1. Nome: _____
2. Nome fictício: _____
3. Endereço: _____
4. Escola: _____
5. Telefones para contato: _____

II - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1. Qual sua formação acadêmica?

2. Há quantos anos está exercendo a profissão de professor de educação infantil?

3. Na sua formação profissional foi contemplado o tema avaliação na educação infantil? Justifique.

4. Você já fez ou faz cursos, seminários, congressos ou algum tipo de formação continuada em Educação Infantil e que focalizem a avaliação na educação infantil?

III - ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1 Na sua escola, como o tema avaliação é abordado?

2 Quais os critérios utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos?

3 Recebe orientação quanto à forma que seus alunos devem ser avaliados?
Comente.

4 Possui dificuldades na elaboração, correção e apreciação da avaliação de seus alunos? Por quê?

5 Qual o papel da família neste processo? Existe reciprocidade?

6 O que pensas sobre o papel da gestão escolar na avaliação do processo ensino-aprendizagem?

Comentários e sugestões:

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!